



VOZ DA FÁTIMA

Lisboa
Biblioteca Municipal Central de
LISBOA



Director e Editor: Mons. Manuel Marques dos Santos — Seminário de Leiria
Proprietária e Administradora: «Gráfica de Leiria» — Largo Cônego Maia — Telef. 22336
Composto e impresso nas oficinas da «Gráfica de Leiria» — Leiria

ANO XLIV — N.º 537
13 DE JUNHO DE 1967
PUBLICAÇÃO MENSAL

Avença

O PAPA veio à Fátima

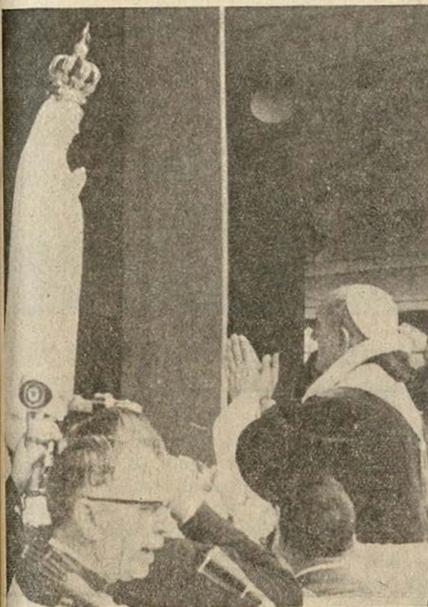
FOI UMA GRANDIOSA PEREGRINAÇÃO DE ORAÇÃO E PENITÊNCIA A DOS DIAS 12 E 13 DE MAIO AO SANTUÁRIO, DA FÁTIMA, E INICIARAM-SE ASSIM SOLENEMENTE AS COMEMORAÇÕES DO CINQUENTENÁRIO DAS APARIÇÕES DE NOSSA SENHORA. MAIS DE UM MILHÃO DE PEREGRINOS, VINDOS DE TODO O MUNDO MAS SOBRETUDO DE PORTUGAL INTEIRO, ALI AJOELHARAM, SOFRERAM E REZARAM.

HUMILDE E SIMPLES, CONTAVA-SE ENTRE ELES O PAPA PAULO VI QUE ALI FOI REZAR PELA PAZ, PELA IGREJA E PELO MUNDO.

FOI UMA INESQUECÍVEL PEREGRINAÇÃO ESTA QUE NOS TROUXE O SANTO PADRE. A FÁTIMA TORNOU-SE, AGORA MAIS DO QUE NUNCA, VERDADEIRO «ALTAR DO MUNDO», PARA ONDE SE VOLTAM TODOS OS CORAÇÕES QUE BUSCAM A PAZ E O BEM.

O PAPA VEIO ATÉ NÓS. O PAPA ESTEVE NA FÁTIMA. O PAPA REZOU NA FÁTIMA E FALOU, A NÓS E AO MUNDO, NA LÍNGUA PORTUGUESA.

A MENSAGEM DA FÁTIMA TORNOU-SE MAIS IMPORTANTE, SE POSSÍVEL. NINGUÉM A PODE IGNORAR PROPOSITADAMENTE NEM DESPREZAR OU ESQUECER, SOB PENA DE ESQUECER A PRÓPRIA SALVAÇÃO E A SALVAÇÃO DO MUNDO. QUE NOSSA SENHORA DA FÁTIMA NOS CONCEDA A VERDADEIRA PAZ NA JUSTIÇA, NA CARIDADE E NA FRATERNIDADE ENTRE OS HOMENS, FILHOS DE DEUS E IRMÃOS UNS DOS OUTROS.



A IGREJA E A PAZ

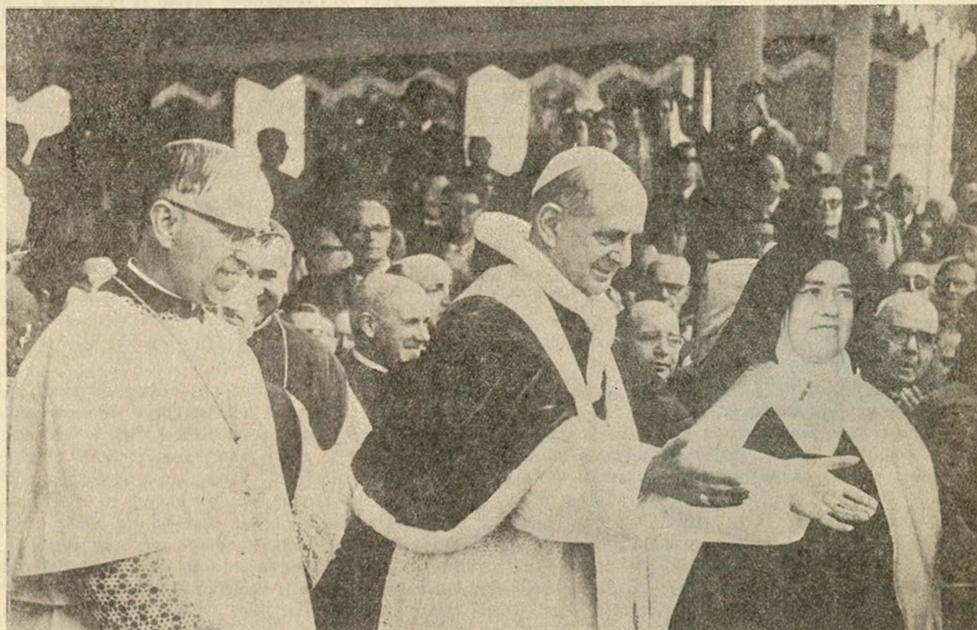
— duas preocupações dominantes do Papa na sua histórica peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima

Durante a missa no santuário, o Santo Padre leu em português uma homilia, que a seguir transcrevemos:

Veneráveis Irmãos e dilectos Filhos:

Tão grande é o Nosso desejo de honrar a Santíssima Virgem, Mãe de Cristo e, por isso, Mãe de Deus e Mãe nossa, tão grande é a Nossa confiança na sua benevolência para com a Santa Igreja e para com a Nossa missão apostólica, tão grande é a Nossa necessidade da sua intercessão junto de Cristo, seu divino Filho, que viemos, peregrino humilde e confiante, a este Santuário benedito, onde se celebra hoje o quinquentenário das aparições de Fátima e onde se comemora hoje o vigésimo quinto aniversário da consagração do mundo ao Coração Imaculado de Maria.

É com alegria que Nos encontramos convosco, Irmãos e Filhos caríssimos, e que vos associamos à profissão da Nossa devoção a Maria Santíssima e à Nossa oração, a fim de que seja mais manifesta e mais filial a comum veneração e mais aceite a Nossa invocação.



O PAPA SORRI CARINHOSAMENTE PARA A MULTIDÃO, AO LADO DA IRMÃ LÚCIA, A ÚNICA SOBREVIVENTE DOS PASTORINHOS DE HÁ 50 ANOS. OS PEREGRINOS APLAUDIRAM COM EMOÇÃO O VIGÁRIO DE CRISTO.

Nós vos saudamos. Irmãos e Filhos aqui presentes, a vós especialmente cidadãos desta ilustre Nação que, na sua longa história, deu à Igreja homens santos e grandes, e um povo trabalhador e piedoso; a vós peregrinos, que viestes de perto e também de longe; e a vós fiéis da santa Igreja Católica que, de Roma, das vossas terras e das vossas casas, espalhados por todo o mundo, estais agora espiritualmente voltados para este altar. A todos, a todos vós, Nós saudamos. Estamos agora a celebrar, convosco e para vós, a santa Missa e, todos juntos, estamos reunidos, como filhos de uma família única, perto da Mãe Celeste, para sermos admitidos, durante a celebração do santo sacrifício, a uma comunhão mais estreita e salutar com Cristo, Nosso Senhor e Nosso Salvador.

Não queremos excluir ninguém desta recordação espiritual, porque é vontade Nossa que todos participem das graças que estamos agora a impetrar do Céu. Todos vós tendes um lugar no Nosso coração: vós, Irmãos no Episcopado; vós, sacerdotes, e vós, religiosos e religiosas, que, com amor total, vos consagrastes a Cristo; vós, famílias cristãs; vós, leigos caríssimos, que desejais colaborar com o Clero na propagação do reino de Deus; vós, jovens e crianças, que desejáramos que estivesseis todos à Nossa volta; e todos vós que vos sentis atribulados e cansados, vós que sofreis e chorais, e que, certamente, vos recordais como Cristo vos chama para perto de Si, a fim de vos associar à Sua paixão redentora e vos consolar.

O Nosso olhar abraça ainda todos os cristãos não católicos, mas irmãos nossos no baptismo; mencionamo-los com esperança de perfeita comunhão nessa unidade que o Senhor Jesus deseja. E o Nosso olhar abraça o mundo todo: não queremos que a Nossa caridade tenha fronteiras e, neste momento, estendemo-la à humanidade inteira, a todos os governantes e a todos os Povos da Terra.

PELA IGREJA UNA, SANTA, CATÓLICA E APOSTÓLICA

Vós sabeis quais são as Nossas intenções especiais que desejamos caracterizem esta peregrinação. Vamos recordá-las aqui, a fim de que inspirem a Nossa oração e sejam luz para todos aqueles que Nos ouvem.

A primeira intenção é a Igreja: a Igreja una, santa, católica e apostólica. Queremos rezar, como dissemos, pela sua paz interior. O Concílio Ecuménico despertou muitas energias no seio da Igreja, abriu perspectivas mais largas no campo da sua doutrina, chamou todos os seus filhos a uma consciência mais clara, a uma colaboração mais íntima, a um apostolado mais activo. Queremos firmemente que tão grande benefício e tão profunda renovação se conservem e se tornem ainda maiores. Que mal seria, se uma interpretação arbitrária e não autorizada pelo magistério da Igreja

transformasse este renascimento espiritual numa inquietação que desagregasse a sua estrutura tradicional e constitucional, que substituisse a teologia dos verdadeiros e grandes mestres por ideologias novas e particulares que visam a eliminar da norma da fé tudo aquilo que o pensamento moderno, muitas vezes falto de luz racional, não compreende e não aceita, e que mudasse a ânsia apostólica da caridade redentora na aquiescência às formas negativas da mentalidade profana e dos costumes mundanos. Que desilusão causaria o nosso esforço de aproximação universal, se não oferecesse aos Irmãos cristãos, ainda de nós separados, e aos homens que não possuem a nossa fé, na sua sincera autenticidade e na sua original beleza, o património de verdade e de caridade, de que a Igreja é depositária e distribuidora?

POR UMA IGREJA VIVA E VERDADEIRA

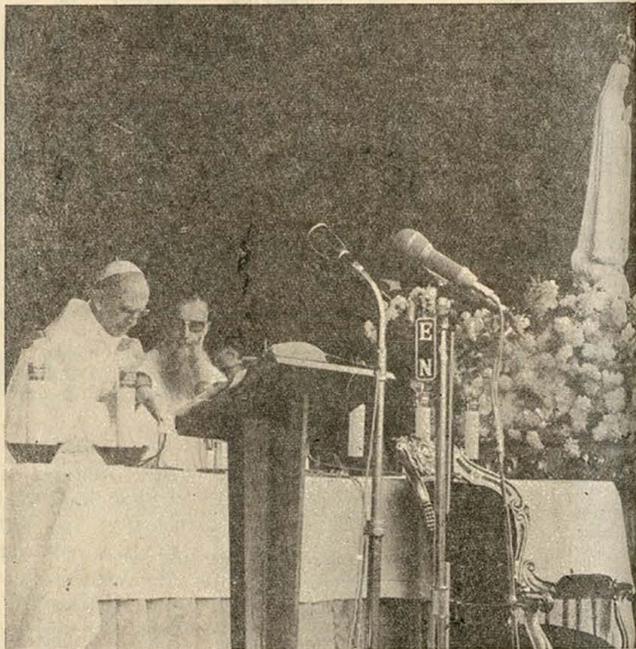
Queremos pedir a Maria uma Igreja viva, uma Igreja verdadeira, uma Igreja unida, uma Igreja santa. É vontade Nossa rezar convosco a fim de que as esperanças e energias suscitadas pelo Concílio possam trazer-nos em larguíssima escala os frutos daquele Espírito Santo, que a Igreja amanhã celebra na festa de Pentecostes e do qual provém a verdadeira vida cristã; esses frutos enumerados pelo Apóstolo Paulo: «caridade, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e temperança». (Gál. 5, 22). É vontade Nossa rezar a fim de que o culto de Deus hoje e sempre conserve a sua prioridade no Mundo, e a sua lei dê forma à consciência e aos costumes do homem moderno. A fé em Deus é a luz suprema da humanidade; e esta luz não só não deve apagar-se no coração dos homens, mas, pelo contrário, deve reacender-se por meio do estímulo que lhe vem da ciência e do progresso.

Este pensamento, que anima e estimula a Nossa oração, leva-Nos a pensar neste momento naqueles países em que a liberdade religiosa está praticamente suprimida e onde se promove a negação de Deus, como se esta representasse a verdade dos tempos novos e a libertação dos povos. Mas a verdade é bem diferente. Rezamos por esses países; rezamos pelos nossos irmãos crentes dessas nações, a fim de que a íntima força de Deus os sustente e a verdadeira liberdade civil lhes seja concedida.

O MUNDO EM PERIGO

E, assim, passamos à segunda intenção deste Nosso peregrinar: intenção que enche a Nossa alma: o Mundo, a paz do Mundo.

Sabeis como a consciência da missão da Igreja no mundo, missão de amor e de serviço, se tornou, no dia de hoje, depois do Concílio, bem vigilante e bem activa. Sabeis como o Mundo se acha numa fase de grande transformação por causa



FÁTIMA, 13 DE MAIO — Paulo VI celebra a Santa Missa

do seu enorme e maravilhoso progresso, na consciência e na conquista das riquezas da terra e do universo. Mas, sabeis também e verificais que o Mundo não é feliz nem está tranquilo.

A primeira causa desta sua inquietação é a dificuldade que encontra em estabelecer a concórdia, em conseguir a paz. Tudo parece impelir o Mundo para a fraternidade, para a unidade; no entanto, no seio da humanidade, descobrimos ainda tremendos e contínuos conflitos. Dois motivos principais tornam, por isso, grave esta situação histórica da humanidade: ela possui um grande arsenal de armas terrivelmente mortíferas, mas o progresso moral não iguala o progresso científico e técnico. Além disso, grande parte da humanidade encontra-se ainda em estado de indignação e de fome, ao mesmo tempo que nela se acha tão desperta a consciência inquieta das suas necessidades e do bem-estar dos outros. É por este motivo que dizemos estar o Mundo em perigo. Por este motivo, viemos Nós aos pés da Rainha da Paz, a pedir-lhe a paz, dom que só Deus pode dar.

APELO AOS HOMENS DE TODO O MUNDO

Sim, a paz é dom de Deus, que supõe a intervenção de uma acção do mesmo Deus, acção extremamente boa, misericordiosa e misteriosa. Mas, nem sempre é dom miraculoso; é dom que opera os seus prodígios no segredo dos corações dos homens; dom que, por isso, tem necessidade da livre aceitação e da livre colaboração da nossa parte. Por isso, a nossa oração, depois de se ter dirigido ao Céu, dirige-se aos homens de todo o mundo: Homens,

dizemos neste momento singular, procurai ser dignos do dom divino da paz. Homens, sede homens. Homens, sede bons, sede cordatos, abri-vos à consideração do bem total do Mundo. Homens, sede magnânimos. Homens, procurai ver o vosso prestígio e o vosso interesse, não como contrários ao prestígio e ao interesse dos outros mas como solidários com eles. Homens, não penseis em projectos de destruição e de morte, de revolução e de violência; pensai em projectos de conforto comum e de colaboração solidária. Homens, pensai na gravidade e na grandeza desta hora, que pode ser decisiva para a história da geração presente e futura; e recomeçai a aproximar-vos uns dos outros com intenções de construir um mundo novo; sim, um mundo de homens verdadeiros, o qual é impossível de conseguir se não tem o sol de Deus no seu horizonte. Homens, escutai, através da Nossa humilde e trémula voz, o eco vigoroso da Palavra de Cristo: «Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra, bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus».

Vede, Filhos e Irmãos, que aqui Nos escutais, como o quadro do mundo e dos seus destinos se apresenta aqui imenso e dramático. É o quadro que Nossa Senhora abre aos Nossos olhos, o quadro que contemplamos com os olhos aterrorizados, mas sempre confiantes; o quadro do qual Nos aproximaremos sempre — assim o prometemos — seguindo a admoestação que a própria Nossa Senhora nos deu: o da oração e da penitência; e, por isso, queira Deus que este quadro do mundo mma mais venha a registar lutas, tragédias e catástrofes, mas sim as conquistas do amor e as vitórias da paz.

PAULO VI, o maior peregrino de Nossa Senhora da Fátima

RECEPÇÃO AO CARDEAL LEGADO

Vindo de Lisboa, chegou ao santuário da Fátima, depois de se ter detido em alguns momentos no Mosteiro da Batalha, o Cardeal Legado de Sua Santidade Paulo VI, Senhor D. José da Costa Nunes. Na sua comitiva, vinha, em representação do Governo Português, o Ministro dos Negócios Estrangeiros, o Sr. Franco Nogueira. Junto à Cruz Alta, o representante de Sua Santidade foi aguardado pelos ministros do Interior e da Justiça, pelo Senhor Bispo de Leiria e por todo o episcopado português e estrangeiro que se encontrava na Cova da Iria.

Quando o Senhor D. José da Costa Nunes desceu do automóvel, um batalhão do Regimento de Infantaria 15, de honrar, com bandeira, guião e fanfarras, chegou ao representante da Santa Sé e honras militares da praxe e tocou os tocos pontifício e de Portugal.

Formou-se, em seguida, o cortejo, que se encaminhou para a Capelinha das Aparições, onde o Senhor D. José da Costa Nunes orou durante alguns momentos, encaminhando-se, depois, pelas individualidades presentes, para o altar exterior da Basílica. Ali, o Senhor Cardeal D. José da Costa Nunes foi saudado pelo Senhor Bispo de Leiria.

NOITE DE VIGILIA

A noite de 12 para 13 foi de vigília pedida a paz para o Mundo. Noite de vigília implorando à Virgem do Céu a paz para todos os homens. Foi, de facto, uma noite autêntica de fé.

No vasto Santuário da Cova da Iria entoaram-se cânticos de louvor à Virgem desde o fim da proclamação das velas até à primeira concelebração na Basílica.

Sacerdotes, fiéis alti-falantes, levaram os fiéis a orar pela Mensagem da Fátima.

Era já madrugada quando começou a chover, a chover intensamente. Os peregrinos que se espalhavam pelo recinto não arredavam pé. Havia um motivo, mais do que qualquer outro, possivelmente, que os levava a aquela persistência: terem um bom lugar para verem de perto o Papa Paulo VI.

Durante toda a noite, dezenas e dezenas de sacerdotes confessaram milhares de peregrinos, tendo sido celebradas numerosas missas na capelinha das Aparições por padres espanhóis, americanos, alemães, franceses, italianos e ingleses.

A hora de adoração, soleníssima, foi precedida por saborosas e substanciais alocuções do Senhor Bispo de Leiria, intervaladas de cânticos e invocações.

Durante toda a noite houve peregrinações particulares e numerosos fiéis adoraram o Senhor, solenemente exultando, em manifestações de grande fé e espírito de sacrifício.

Em 6 horas do dia 13 quando, na Basílica, o Bispo de Malange e mais doze sacerdotes concelebraram. Depois, no altar exterior da Basílica, o Cardeal Legado presidiu a uma concelebração, na qual participaram todos os Cardeais e Bispos presentes na Cova da Iria. No momento da comunhão, aproximadamente da sagrada mesa muitos milhares de peregrinos.

Esse facto inédito: a excepcional aglomeração de peregrinos impediu na noite de 12 para 13 se organizasse a tradicional procissão das velas. Por toda a parte, fora do Santuário, celebravam peregrinações com velas acesas. Porquê? Fora-lhes impossível abrir caminho até à grande espia-

nada que vai da Cruz Alta às escadarias da Basílica.

Na noite de 12 para 13 de Maio de 1967, a Fátima foi uma floresta de fogo. Quantas velas se acenderam? Impossível dizê-lo; mas, não será exagero afirmar que a Fátima foi iluminada por mais de um milhão de luzes. Em todo o caso, o que é certo, absolutamente certo, é que o número de peregrinos reunido na Fátima ultrapassara já, à meia-noite do dia 12, um milhão — na sua maioria, na sua esmagadora maioria, peregrinos humildes, chegados a pé ou nas camionetas que vieram de todo o País, desde Trás-os-Montes ao Algarve.

Nunca a Cova da Iria conheceu uma noite semelhante — as condições climáticas não lograram, nem um só momento, provocar a mínima hesitação entre os peregrinos apesar da idade de alguns deles.

Que extraordinária afirmação de Fé!

A preceder a recepção ao Papa, fez-se a procissão com a imagem de Nossa Senhora, da Capelinha para o cimo da escadaria.

PAULO VI CHEGA A MONTE REAL

Foi de braços abertos, carinhosamente abertos, num gesto que significava um abraço paternal para os portugueses, que desceu na base aérea de Monte Real, vindo de Roma, o Papa Paulo VI — o primeiro Sumo Pontífice que visita Portugal.

A chuva havia caído abundantemente. As pistas luziam, atalhadas de água. A pequena tribuna erguida junto do edifício do aeródromo escuria. Poucas pessoas aguardavam, próximo da pista, o Sumo Pontífice — somente as entidades oficiais: o Chefe do Estado, o Presidente do Conselho, os ministros e outras altas individualidades. Solenidade, nenhuma.

Mas a comção crescia em todos os presentes à medida que se aproximava a hora da chegada do Papa. Respirava-se o ambiente dos grandes acontecimentos nacionais — neste caso único em toda a nossa gloriosa História.

Quando o birreactor surgiu no firmamento e se aproximou da pista, rápido e em curva elegante, todos os presentes sentiram mais intensamente a comção que já então os possuía.

Logo que o aparelho se imobilizou, dirigiram-se ao seu encontro as individualidades que aguardavam o Santo Padre: o Chefe do Estado, o Presidente do Conselho, todos os ministros, secretário de Estado da Aeronáutica, subsecretário de Estado da Presidência do Conselho, Núncio Apostólico, Bispo de Leiria, Bispo de Madaruma, embaixador de Portugal junto da Santa Sé, governador civil de Leiria e presidente da Câmara de Leiria.

Eram 9.53 h.. Colocada a escada, abriu-se a porta do avião e surgiu imediatamente Sua Santidade, de braços abertos para quem o esperava — e para Portugal inteiro, em agradecimento por oito séculos de zelo cristão.

A chuva continuava a cair incessantemente, mas Paulo VI ignorou um grande chapéu que o esperava.

Atrás do Santo Padre desceu o seu séquito, do qual faziam parte os Cardeais Tisserant e Cicognani.

Algumas centenas de pessoas romperam em ovações a Sua Santidade. O Sr. Almirante Américo Tomás dirigiu as primeiras saudações de Portugal ao Sumo Pontífice. Depois, o Sr. Prof. Dr. Oliveira Salazar cumprimentou Paulo VI, fazendo uma genuflexão e beijando o anel pontifício.

A seguir, Paulo VI recebeu cumprimen-

mentos dos membros do Governo e restantes autoridades.

Após essas saudações, o Papa encaminhou-se para a discreta tribuna, passando por entre açafates de flores.

A SAUDAÇÃO DO CHEFE DO ESTADO

O Sr. Almirante Américo Tomás saudou então o Sumo Pontífice. Disse o Chefe do Estado:

Beatíssimo Padre,

Esta Nação, cuja terra Vossa Santidade acaba de pisar, nasceu há mais de oito séculos e sempre tem vivido sob o signo de Cristo. Tão firme tem sido o seu apego à fé e tão ardente o seu zelo cristão, que antecessores de Vossa Santidade, de venerada memória, há muito a proclamaram Nação Fidelíssima entre as demais. Consideramos parte da nossa história a nobreza do título, que não ostentamos com orgulho, mas apenas como indicativo de um dever apostólico a cumprir. Foi por isso profunda a emoção que se apoderou deste povo e vibrante o seu júbilo ao saber da decisão do Santo Padre de vir a Fátima no dia mais simbólico do ano em que se celebra o cinquentenário das Aparições. Estou certo de que Vossa Santidade não haverá experimentado surpresa perante as expressões de regozijo que Lhe hajam chegado; e tão pouco haverá estranhado a intensidade do sentir que a todos anima. A mim só me compete ser junto de Vossa Santidade o intérprete da consciência geral, e em nome dos meus concidadãos e no meu saudar respeitosamente Vossa Santidade e, com a alegria cristã das boas-vindas, pedir-Lhe que aceite as ho-

menagens da nossa filial devoção.

Vai Vossa Santidade orar no Santuário de Fátima, e humildemente pedir a Deus as graças da Justiça e do Amor e da Paz entre os homens. O pequeno e modesto templo de Fátima situa-se nesta terra de Santa Maria; mas transcende-a, e sabemos bem que pertence por igual e é património espiritual de todas as cristandades; e por todo esse Mundo além constitui símbolo fervoroso de entendimento e de fraternidade. Despojado das grandezas terrenas, perante a nudez austera de um altar simples, voltado para multidões que vieram pelos mais árduos caminhos, rodeado por Cardeais e Bispos de muitas paragens, Vossa Santidade falará aos homens, e a voz do Papa ressoará mais uma vez ao serviço do bem comum e para consolação dos que sofrem, esperança dos que hesitam e esclarecimento de todos. Ao mesmo tempo Soberano e Servo dos peregrinos, Vossa Santidade assinala com a Sua presença em Fátima um momento dramático da vida espiritual e moral do Mundo, e enriquece com as suas preces pela Paz as de quantos dirigem à Providência Divina um apelo angustiado de consideração e de auxílio.

Sòmente posso falar em nome desta Nação Fidelíssima, embora saiba da muita emoção com que o vasto mundo cristão ocorre à peregrinação piedosa, presidida, no Santuário de Fátima, pelo Sumo Pontífice em pessoa. Sòmente posso falar pela Nação Portuguesa, e é em nome deste povo, conhecedor do seu ânimo e da sua fé, mandatário para expressão da sua voz, que eu significo a Vossa Santidade quanto nos sentimos honrados com a Sua Augusta presença, e que pretendo testemunhar-Lhe o nosso respeito, a nossa fidelidade, com os votos ardentes que formulamos pela glória do Seu pontificado.

A ALOCUÇÃO DE PAULO VI

Em resposta à saudação do Sr. Almirante Américo Tomás, Paulo VI proferiu uma alocução, em que disse:

Senhor Presidente da República:

Agradecemos sensibilizado a atenciosa delicadeza de Vossa Excelência por Nos ter vindo receber pessoalmente à Nossa chegada. Agradecemos igualmente as palavras cordiais de boas-vindas que Vossa Excelência acaba de proferir.

É com a maior satisfação que pisamos o solo português. Desta bençoada Terra de Santa Maria partiu, no passado, para as regiões mais remotas do Mundo, uma generosa pléiade de arautos do Evangelho. Para ela confluí, no presente, de toda a parte, uma piedosa multidão de peregrinos.

Nós também viemos como peregrino. É Nosso ardente desejo render homenagem filial à excelsa Mãe de Deus, na Cova da Iria. Para lá encaminharemos agora os Nosso passos, em espírito de oração e de penitência, para suplicar à Nossa Senhora de Fátima que faça reinar na Igreja e no mundo o inestimável bem da paz.

A Nossa solicitude pastoral, como sabe Vossa Excelência, leva-Nos, neste particular momento da história da Igreja e da humanidade, a envidar todos os Nossos esforços para a consecução de duas finalidades da mais transcendental importância.

A primeira diz respeito à vida inteira da própria Igreja. A segunda refere-se ao contributo de amor pelos homens que ela quer dar no dia de hoje ao mundo em que vive.

E, como estas duas intenções são o objecto da Nossa mais viva preocupação, iremos a Fátima, com a humildade e o fervor do peregrino que empreende uma longa viagem, para confidências Aquela que a Igreja e o Povo cristãos invocam sob o doce nome de Mãe.

Ao iniciar, pois, este Nosso itinerário de fé em terras portuguesas, desejamos dirigir uma cordial saudação a Vossa Excelência, Sr. Presidente da República, e às distintas autoridades presentes, ao Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa e aos membros todos do Episcopado, bem como ao Clero, aos Religiosos e Religiosas e a todo o Povo desta Fidelíssima Nação.

Nossa Senhora de Fátima se digne derramar sobre Portugal católico as mais copiosas graças de bem-estar espiritual e material, de prosperidade, de progresso e de paz.

Com as palavras de Paulo VI encerrou-se o breve acto oficial de recepção, introito de um capítulo novo da nossa História. Sua Santidade dirigiu-se então para o átrio do edifício da torre de comando, especialmente decorado para o efeito e isolado de todas as outras dependências.

Enquanto o Papa repousava por alguns momentos, as entidades civis, incluindo o Presidente da República e o Chefe do Governo, abandonavam a base aérea, seguindo em cortejo para a Fátima.

A permanência do Sumo Pontífice no campo de aviação foi apenas de cerca de trinta minutos. Paulo VI deixou a base num carro aberto. A chuva cessara, entretanto, de cair.

Respeito e ternura ao longo de 40 quilómetros

A viagem por estrada, de Monte Real à Cova da Iria, fé-la Sua Santidade à velocidade, por ele estabelecida, de 30 quilómetros horários — quando foi possível. Os quarenta quilómetros do percurso terão ficado gravados na memória do Sumo Pontífice, tão grandes e inequívocas foram as provas de respeito e de ternura que o bom povo de Portugal prodigalizou ao Santo Padre, que não se cansou de manifestar o seu paternal afecto, com sorrisos e acenos de extrema simpatia.

O povo simples deu também as boas-vindas ao Vigário de Cristo de forma expressiva, recebendo comovida e respeitosamente a sua paternal saudação silenciosa. O bom povo das aldeias que não pôde ir à Fátima orar à Virgem veio todo para a estrada ajoelhar à passagem de Paulo VI, depois de ter dado amorosamente o tom verde — a cor da esperança — às paredes das casas humildes e aos muros que marginavam a estrada. Aqui e além, por toda a parte, o cortejo pontifício passou entre alas de crianças vestidas de branco, atravessou locais ornamentados por mãos humildes, recebeu saudações simples mas sentidas.

A PASSAGEM EM LEIRIA

A dois quilómetros de Leiria, a única cidade do percurso, viam-se, emoldurando o perfil distante do castelo, inúmeras bandeiras, que leadeavam a estrada, prosseguindo na ponte sobre o Lis e adiante, na Rua do Capitão Mouzinho de Albuquerque, onde se aglomeravam muitas centenas de pessoas.

A cidade caprichou em acolher o Papa com todas as galas. Não faltaram colgaduras, as mais ricas e vistosas colchas.

No Largo de 5 de Outubro, houve uma cerimónia muito significativa para todos os municípios. A meio do Largo, entre dois canteiros, o presidente do Município, Sr. Bernardo Pimenta, seis vereadores e as respectivas esposas aguardavam a chegada do cortejo, cuja marcha, ali, abrandou sensivelmente.

O automóvel pontifício deteve-se, e o presidente da Câmara procedeu à entrega a Sua Santidade de um estojo rectangular, branco, com um filete dourado, no interior do qual se encontrava a chave de ouro da cidade, em cama de veludo vermelho — oferta simbólica ao Vigário de Cristo, para assinalar a sua passagem na sede da diocese em que a Fátima está compreendida.

A cerimónia decorreu no único local em que foi permitido ao cortejo abrandar o andamento, quase sob a janela do Paço Episcopal. Na chave fora gravado: «CIDADE DE LEIRIA — 13 DE MAIO DE 1967».

Sua Santidade retribuiu a oferta, entregando uma medalha à esposa do presidente da Câmara Municipal.

Muito aclamado, Paulo VI prosseguiu viagem, saudando especialmente um grupo de cerca de mil crianças que entoavam coros.

Na ponte sobre a ribeira do Sirol, nos Pousos, nos Cardosos, nos Olivais, viam-se mastros e arcos de verdura. Por vezes, as decorações eram mais ricas, outras, mais modestas, revestindo-se, até, de certa entenehedora ingenuidade — como as que, entre os Olivais e a Fátima, se encontravam ao longo do percurso, feitas de flores silvestres e malmequeres, presas em extensos cordéis, e ainda outras, de fitinhas coloridas.

A CHEGADA À COVA DA IRIA

Na Quinta da Sardinha, o cortejo derivou para a estrada nacional 357. E, dentro em pouco, atingia a Fátima, chegando à grande rotunda (adornada de enormes vasos de madeira, com jarros e gladiolos) e dirigindo-se para o Santuário.

Era meio-dia quando o cortejo pontifício chegou às imediações do Santuário.

O andamento foi gradualmente diminuindo, pois a um lado e outro da estrada, no último quilómetro que precede o sagrado recinto, uma multidão incalculável se concentrara para ver e saudar o Papa.

Num gesto largo e com um sorriso de bondade, Paulo VI correspondia às saudações que de todos os lados surgiram numa apoteose. Até à entrada do Santuário o percurso foi feito com dificuldade.

O entusiasmo da multidão, cada vez mais compacta, recresce como uma onda envolvente, de simpatia e gratidão.

Em pé, sobre o carro que, desde Monte Real até à Fátima, o trouxe, Paulo VI pode ser visto por todos; agitam-se os lenços, os gritos reboam, há braços que se estendem como expressão de um desejo de abraçar o Santo Padre. O avanço é cada vez mais lento e o pequeno percurso que vai desde a Cruz Alta até à escadaria faz-se com o carro pontifício envolvido por peregrinos que querem de mais perto saudar o Papa.

Este volta-se em todas as direcções, sorrindo e abençoando sempre, e certamente deslumbrado, senão surpreendido, pelo espectáculo inigualável que o Santuário oferecia, convertido em cenário de apoteose nunca visto.

Os últimos metros do percurso até à escadaria são feitos com extrema dificuldade. Dir-se-ia que o carro não segue pelos próprios meios, mas é empurrado. Um verdadeiro cacho humano tapa quase por completo a figura branca de Paulo VI que se distingue entre a multidão pelo gesto dos seus braços abertos, como se quisesse abraçar e apertar ao coração todos os peregrinos presentes.

A poucos metros da escadaria da Basílica, uma barreira humana impede que o carro pontifício se aproxime. É então que o Santo Padre sai do automóvel. Uma onda de peregrinos, em que avultam estudantes, o envolve naquele momento. Só a muito custo Paulo VI consegue chegar à escadaria, precedido pelo Sr. Bispo de Leiria.

Foi num crescendo de gritos — Viva o Papa! Viva o Papa! — que ele chegou à tribuna erguida à entrada da Basílica, e, de braços abertos, agradeceu comovidamente aquela homenagem, que era a melhor expressão do amor e filial respeito de um povo pelo Pai da cristandade. Eram precisamente 12 horas e meia.

Houvera um atraso sobre o horário programado das cerimónias. Mas esse atraso tinha uma explicação e uma compensação — o dos momentos de emoção vividos em comunhão de sentimentos e de amor a Nossa Senhora da Fátima.

Na plataforma da tribuna, de um e de outro lado do altar, já se encontravam diversas entidades: o Chefe de Estado, o Presidente do Conselho e o Governo Português, o vice-presidente do Conselho de Espanha, grande parte do Corpo Diplomático acreditado em Lisboa, descendentes de famílias reais residentes no nosso País, bem como o legado pontifício e cardeais, arcebispos e bispos estrangeiros e quase todo o episcopado português. Também ali estava a irmã Lúcia, acompanhada de pessoas da sua família.

O Papa dirigiu-se a uma sacristia especialmente preparada na basílica, onde se paramentou para a missa. Teve como acolitos os bispos de Leiria e de Porto Amélia.

Os textos da missa foram lidos em português. O credo, porém, foi cantado em gregoriano e na língua latina, pelo coral e pelos romeiros.

A «oração dos fiéis», introduzida em latim pelo Santo Padre, foi depois prosseguida em sete outros idiomas, incluindo o russo e o húngaro, respondendo a assembleia sempre em português.



A HOMILIA DO PAPA

Ao Evangelho, Paulo VI proferiu a homilia que noutro lugar publicamos.

Enquanto Sua Santidade ia definindo as relações da penitência e da oração com a justiça e a paz, via-se crescer a atenção de todos. À comunhão o próprio Sumo Pontífice deu a Sagrada Eucaristia a um grupo de 50 fiéis, escolhidos de maneira a representar a heterogeneidade da multidão presente na Fátima.

A última comungante foi uma menina cega que o Santo Padre, depois, tocou paternalmente colocando a sua mão sobre a cabeça dela.

A BÊNÇÃO DOS DOENTES

Finda a missa e depois de abençoar todos os peregrinos, Paulo VI procedeu à bênção da primeira pedra do novo edifício destinado a instalar o Colégio Pontifício Português de Roma.

Em seguida, Paulo VI, sempre no extremo da tribuna, leu o texto litúrgico da bênção dos doentes, sobre os quais lançou o sinal da cruz.

As três centenas de doentes estavam concentradas no quadrilátero contíguo à escadaria. Tratava-se de homens, mulheres e crianças, casos incuráveis ou desesperados, de cegueira, paralisia, tumores malignos, perturbações neurológicas, cardiopatias agudas, etc..

O MUNDO VIU A FACE DA LÚCIA

No trono, Paulo VI recebeu, depois, as homenagens da Irmã Lúcia, que, autorizada, a título excepcional, pelo Arcebispo-Bispo de Coimbra, interrompeu, por três dias, a sua clausura no Carmelo de Santa Teresa, para vir assistir ao momento mais solene da história da Fátima, desde as aparições de há cinquenta anos, de que foi testemunha principal.

O Papa conversou afectuosamente durante três minutos, com a freira carmelita, servindo de intérprete o Bispo de Leiria. Depois, Paulo VI dirigiu à vidente algumas palavras e ofereceu-lhe um estojo com uma medalha.

Lúcia pediu, então, ao Papa, autorização para lhe apresentar alguns dos seus familiares, que Sua Santidade igualmente abençoou.

O Sumo Pontífice recebeu ainda um pequeno grupo de romeiros, em representação de toda a multidão.

Ainda na tribuna, o Santo Padre convidou Lúcia a aproximar-se dele e apresentou-a aos peregrinos sob uma rovoada de aplausos.

Foi momento de grande comoção aquele em que o Sumo Pontífice depôs um terço, por ele oferecido, aos pés da imagem de Nossa Senhora, e orou, em expressão quase celestial, à Mãe de Deus e Mãe dos homens.

A PROCISSÃO DO ADEUS

O Sumo Pontífice seguiu pela capela da Casa dos Retiros de Nossa Senhora do Carmo para os aposentos que lhe estavam reservados na ala poente da

quele estabelecimento religioso e onde apenas tiveram acesso os componentes da comitiva pontifícia e algumas alas individuais eclesásticas e civis.

Efectuou-se o cortejo de regresso de Nossa Senhora da Fátima à Capelinha das Aparições. O momento era imponente e o espectáculo impressionante.

O andar da Senhora foi transportado aos ombros do comandante da P. V. T., major Enes Ferreira do comissário Belarmino e do chefe e guardas daquela corporação.

No cortejo incorporou-se o Chefe do Estado, acompanhado de sua esposa e filha.

Entre cânticos de louvor a Nossa Senhora, recomeçou, naquele instante, o comovente e esperançoso aceno de lenços brancos.

Espetáculo emocionante que se prolongou por alguns minutos.

Do varandim do edifício da Casa dos Retiros de Nossa Senhora do Carmo, o Vigário de Cristo despediu-se dos peregrinos, lançando-lhes uma última bênção, quase com pena de ter de retirar-se.

AS RECEPÇÕES

No final do almoço íntimo, o Papa fez um repouso muito breve, ao contrário do que estava previsto, pois decidira alargar o período de audiências às principais personalidades na Cova da Iria.

E, assim, recebeu, em primeiro lugar, o Chefe do Estado e sua família, e em seguida o Sr. Prof. Dr. Oliveira Salazar, primeiro a sós e depois com o ministro dos Negócios Estrangeiros e com os outros membros do Governo e altas individualidades civis e militares.

Depois do corpo diplomático, tiveram acesso à presença de Sua Santidade os membros das várias faculdades reais europeias, residentes em Portugal.

Minutos mais tarde, Sua Santidade recebeu o episcopado presente; e por fim, recebeu os organismos católicos laicos.

Terminadas as audiências, o Papa deixou o santuário e seguiu para Monte Real, passando pela Batalha cujo cortejo visitou; por breves instantes.

Apenas acompanhavam o Sumo Pontífice, além do seu séquito, o ministro dos Negócios Estrangeiros, o secretário de estado da Aeronáutica, o embaixador de Portugal junto da Santa Sé, e o Senhor Bispo de Leiria.

No percurso, as mesmas calorosas manifestações do povo e os braços abertos do Sumo Pontífice, sempre sorridente, a agradecer e a abençoar.

Depois de ter orado por alguns instantes, na capela da base, actualmente fechada ao culto, Paulo VI tomou lugar na tribuna e disse as suas últimas palavras, de despedida.

No fim, deu a bênção apostólica e dirigiu-se para o avião que o ia reconduzir à Roma.

NOTA — No próximo número, publicaremos os discursos do Papa proferidos nas recepções e outras notícias que lamentamos ter de deixar hoje de fora.